

Empresário confia no crescimento do País

Primeira pesquisa da Reuters sobre desempenho econômico na América Latina mostra otimismo em vários setores

Vicente Vilardaga
de São Paulo

A agência de notícias Reuters divulga hoje em todo o mundo os resultados da primeira pesquisa de sua história sobre o desempenho da economia e o grau de confiança dos empresários no futuro imediato, e no médio prazo, em um país da América Latina. O país é o Brasil. O tom dominante das respostas é absolutamente otimista.

A maioria dos empresários brasileiros, segundo a pesquisa, espera, nos próximos meses, aumento do faturamento líquido de suas empresas, diminuição das taxas de juros, redução do déficit público e crescimento das exportações. Eles adiantam também, quase irrestritamente, que pretendem investir no País em 1998 e

que esperam crescer com moderação ao longo dos próximos 24 meses. Para o segundo semestre, as expectativas são favoráveis, e para o próximo ano, ainda melhores.

As entrevistas da Reuters/Zogby Business Confidence Index Survey foram feitas por telefone entre os dias 23 de junho e 11 de julho com 348 empresários dos setores de varejo, atacado, indústria, serviços e financeiro. As empresas consultadas foram

selecionadas pelo instituto Zogby International, responsável pela pesquisa, em uma lista da consultoria de serviços financeiros norte-americana Dun & Bradstreet.

Os critérios para seleção foram o faturamento e o número de empregados. Empresas com menos de 200 funcionários só entraram na amostra no caso de seu faturamento anual ser superior a R\$ 5 milhões. Dos empre-

78,7% acreditam que as vendas irão aumentar e 2,9%, que cairão.

“Os resultados são absolutamente impactantes, fora do comum”, afirma o presidente da Zogby International, John Zogby. “Os empresários perceberam uma melhora significativa e apostam que a situação se manterá boa nos próximos tempos”. Para Zogby, a crença dos empresários é determinante para o futuro e equivale

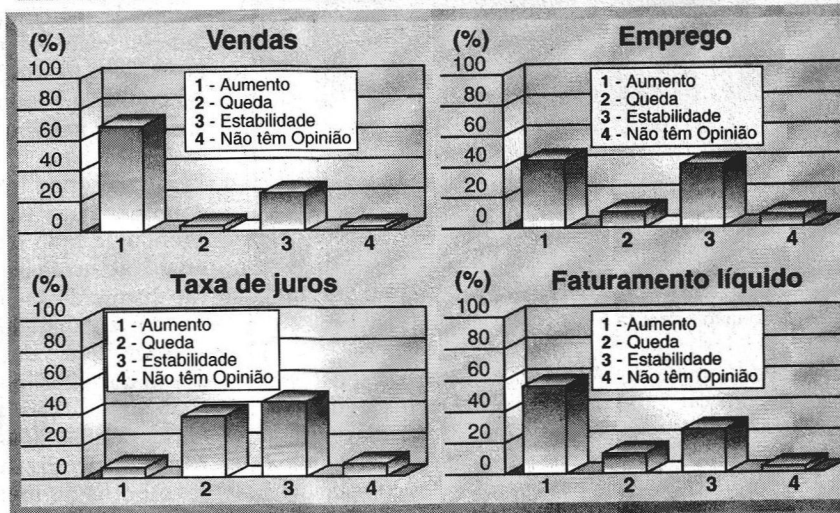
quase a uma profecia. “Uma das coisas que mais chama a atenção na pesquisa é que 94% dos entrevistados falam que têm planos de investir no Brasil em 1998”, diz. “O otimismo está internalizado.”

A maioria acredita numa diminuição das taxas de juros de curto e de longo prazos no ano que vem. Há

mais ceticismo em relação a mudanças expressivas nas taxas ainda este ano. A tendência é de acreditar que no segundo semestre pouca coisa deverá mudar em relação aos juros. Para o ano que vem, no entanto, 52% e 56,3% apostam numa diminuição das taxas de curto e longo prazos, respectivamente.

No que se refere ao déficit público, a expectativa de aumento é dominante, mas cai ao longo do tempo.

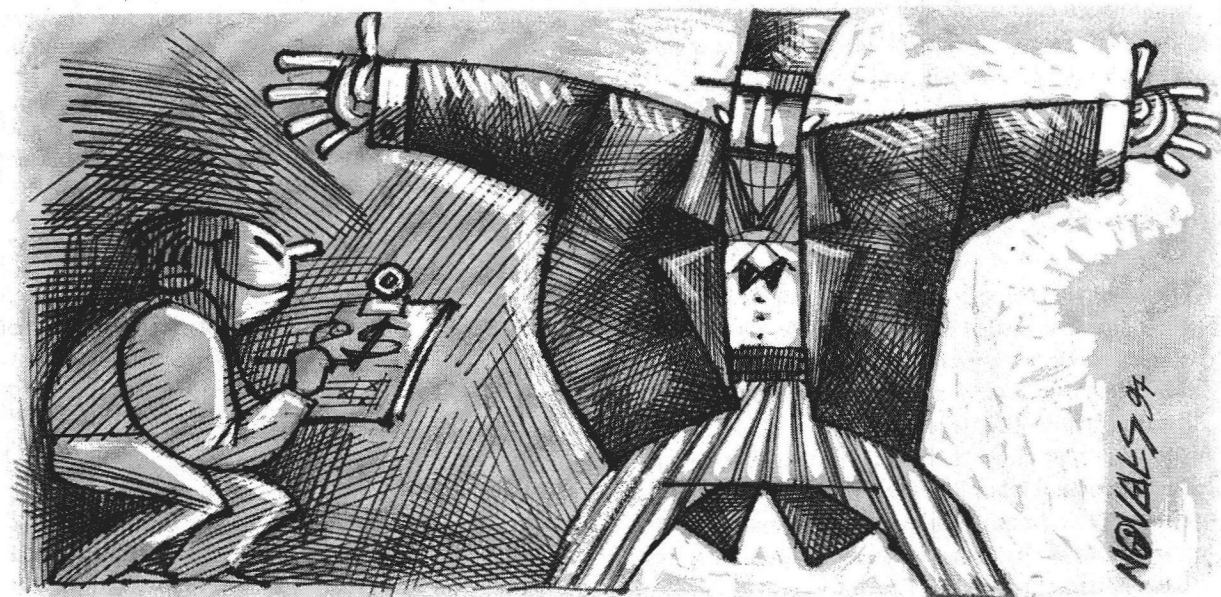
Como os empresários vêem o Brasil (Expectativa para o 2º semestre)



Fonte: Reuters/Zogby Survey.

sários ouvidos, 41,5% representam corporações com faturamento superior a R\$ 40 milhões.

Num momento de queda no consumo, acompanhada por elevação de estoques no comércio e na indústria, 69% dos empresários apostam que as vendas irão aumentar no segundo semestre e 3,7% esperam uma queda nos seus negócios. Outros 24,7% acham que tudo permanecerá igual e 2,6% não dão opinião. Para 1998,



NOVAIS

Entre os empresários, 44,3% acreditam que o déficit irá aumentar no segundo semestre, enquanto 19,3% apostam na queda, e 27,6% acham que pouca coisa mudará. Para 1998, o índice dos que esperam um aumento do déficit cai para 34,8%. Outros 30,5% acreditam que o déficit diminuirá no ano que vem.

O ponto mais negativo detectado pela pesquisa fica por conta do emprego. Dos empresários entrevistados, 44% esperam que o desemprego aumente no segundo semestre; 10,3% crêem em diminuição e 40,8% acreditam que o índice permanecerá estável. Para 1998, o nível de emprego deverá aumentar segundo 34,8% dos entrevistados e diminuir na opinião de 15,8%. Outros 47,4% continuam apostando na estabilidade.

Os dados da pesquisa, segundo Zogby, permitem concluir que a tendência de emprego não deve seguir muito de perto o aumento das vendas, devido ao excesso de capacidade ociosa e ao crescimento da produtividade por empregado. De acordo com Zogby, o nível de emprego deverá

crescer sempre num nível inferior às vendas. “Evidentemente, o Brasil está num período de transição, que aponta para o aumento da eficiência.”

Em relação ao crescimento econômico nos próximos dois anos, a maioria dos empresários (62,6%) acredita que o desempenho será moderado e 21%, que será substancial. Só uma minoria, de 2%, acha que haverá retração expressiva ou insignificante. Ao longo dos próximos cinco anos, 83% dos empresários esperam aumentos significativos ou moderados nos lucros. A grande maioria (mais de 75%) acredita que a inflação diminuirá ainda mais ou permanecerá nos mesmos patamares no próximo semestre e em 1998. Os empresários enxergam também uma tendência de aumento no preço das ações negociadas nas bolsas brasileiras – a pesquisa foi feita antes das quedas registradas na última semana.

Essa primeira pesquisa Reuters/Zogby para a América Latina servirá de base para levantamentos semestrais do índice brasileiro de confiança empresarial. Seus dados serão

o marco zero para futuras alterações nas expectativas em torno dos diversos setores da economia. Na próxima pesquisa, dentro de seis meses, o número de entrevistados será mantido, mas serão ouvidas outras empresas. “Conhecer o grau de confiança dos empresários na economia é fundamental”, afirma o editor chefe da Reuters nas Américas, Bernd Debusmann. “Se não há confiança dentro do próprio país, como é que vai haver fora?”

A Reuters pensou em começar suas pesquisas sobre confiança empresarial no México. Mas decidiu-se pelo Brasil, considerando que esta é a maior e mais importante economia do continente. Por exemplo, 43% dos recursos de fundos de investimentos dos Estados Unidos destinados para a América Latina desembarcam no Brasil, enquanto o México fica com 24% e a Argentina, com 13%.

Entre as 348 empresas consultadas, 19,8% têm menos de 200 empregados. Outras 50,9% têm entre 200 e 700 e 29,3% têm mais de 700 funcionários. Mais da metade (53%) fatura entre R\$ 5 milhões e R\$ 40 milhões. ■